

ASPECTOS MILITARES DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

ARMANDO DE ROBOREDO

Vice-Almirante

Chefe do Estado Maior da Armada

Quando Pedro Álvares Cabral, em 9 de Março de 1500, largou de Lisboa para mais uma expedição oceânica, das que consolidavam a mestria portuguesa no campo da náutica e da descoberta de novos mundos, só o Destino poderia aventurar que, apenas quarenta e dois dias depois, justamente a 23 de Abril, teria à vista terra da grande realidade que é hoje a portentosa nação brasileira.

Foi assim descoberta a terra de Santa Cruz por marinheiros portugueses e sucessivamente reconhecido o seu longo litoral e devassado o interior por marinheiros e soldados, a que se seguiram colonos e missionários, que combatendo ou convencendo e catequisando os nativos, particularmente Tupis — no litoral — e Tapuias — no interior — por vezes bem penosamente, processavam a ocupação e a colonização daquele imenso território.

Sem pretendermos debruçar-nos sobre tão remotas datas e eventos, não deixaremos de fazer a referência que merecem os lendários Diogo Álvares — o célebre Caramurú — e João Ramalho que sobre os autóctones tão grande domínio exerceram.

Jamais descobrir, desbravar, manter a soberania e mesmo colonizar, deixou de ser obra em que marinheiros e soldados representaram papel de primeiro plano.

Lutas e guerras sem conta, foram o pão nosso de cada dia; desde as que houve que ferir para dominar os nativos e as que se verificaram tantas vezes entre colonos e aborígenes — ocorre lembrar a influência do Padre António Vieira em favor destes últimos — até à dos Mascates, às perturbações causadas pelos Bandeirantes, às resultantes da cobiça estrangeira: Cavaleiro de Villegagnon com os seus calvinos entre 1555 e 1567; La Ravandière, expulso finalmente em 1615; os holandeses — a famigerada Companhia das Índias Ocidentais — que só foram definitivamente liquidados em 1654, após a chegada da grande esquadra coman-

dada pelo Visconde de Fonte Arcada que em batalhas sucessivas os levou à capitulação.

Foi durante a ocupação holandesa que o génio militar português criou as companhias de emboscadas, que tanto massacraram os invasores, verdadeiro embrião da actual guerra de guerrilhas.

Com a dominação espanhola, em tudo funesta para o País, marcou-se o começo da nossa derrocada colonial.

Holandeses, ingleses e franceses hostilizavam-nos por toda a parte, expulsando-nos de muitas posições, pirateando e saqueando outras, e afundando numerosos navios lusos.

Novas investidas de franceses no princípio do Século XVIII contra o Brasil com Duclerc e o famoso Duguay-Trouin de que resultaram êxitos e derrotas, particularmente sentidas estas últimas, no que respeita à poderosa expedição do reclamado Corsário.

Já depois da instalação de D. João VI no Rio, a guerra contra a Guiana francesa que conquistámos, a guerra de Montevidéu, cidade que ocupámos em 1817, derrotando o famoso José Artigas, até às guerras da independência em 7 de Setembro de 1822 — assinala-se o célebre grito do Ypiranga de independência ou morte lançado pelo príncipe D. Pedro. As lutas após a independência, a guerra com a Argentina, que imortalizou o Duque de Caxias, a guerra do Paraguai, com a gloriosa vitória do Almirante Barroso na batalha naval de Riachuelo e um sem número de lutas intestinas, mais ou menos graves, em que a Marinha e o Exército foram o fiel da balança.

É, pois, a história do Brasil, um repositório de actividades militares, navais ou terrestres, que ligaram, para todo o sempre, os militares à grandeza da Nação e que, por isso, pensar em Comunidade Luso-Brasileira sem nela dar destacada participação, activa e operosa, ao intercâmbio militar e naval, seria crime de lesa-História, contrário ao próprio «substractum» das duas nações.



Afigura-se que nos poderíamos dirigir à grande nação irmã dizendo-lhe sem modéstia e sem vaidade ou pretensiosismo — elogio em boca própria é vitupério: demos-te praticamente o que tínhamos, levámos-te os nossos maravilhosos municípios, as nossas cortes e governos representativos e as nossas tradições, elevámos as raças aborígenes injectando nelas sangue português, e, o Brasil, que fala a nossa língua, foi formado com a nossa carne e é obra da nossa civilização.

Emancipado da Europa, com um grande destino à sua frente, caminhando a passo firme para ser, em breve prazo, uma das maiores e mais poderosas nações do Orbe, Ele não vê a terra-mãe humilhada ou envelhecida, antes pelo contrário, enxerga-a de pé, espinha direita, rejuvenescida, lutando pela segurança e defesa

do seu património indiscutível e pelo bem-estar das suas populações, numa comunidade multirracial, pluricontinental, seguindo aqueles princípios humanitários que foram sempre seu apanágio.

Porque não afirmar que a nossa luta em África tem por fim, além de auto-defesa, evitar a ruína do Ocidente que resultaria da perda da África para a Europa, e quando dizemos Ocidente, no significado da palavra incluímos, necessariamente, a Comunidade Luso-Brasileira?



Julgamos que têm aqui cabimento algumas «nuances» do carácter brasileiro que, «malgré» o título do artigo, não deixam de ser proveitosas para melhor se compreenderem os objectivos que nos propusemos salientar.

Pero Vaz de Caminha, escrivão da Armada de Pedro Álvares Cabral, relatou ao Rei D. Manuel a descoberta do Novo Mundo em páginas de prosa tão elevada, que permite dizer que o Brasil nasceu sob o signo da literatura. E que plêiade de homens de letras, pensadores, sociólogos e intelectuais não têm brotado desse úbere abençoado que é o Brasil literato e poético, alfobre de arte, de ciência e de políticos de elevada estirpe.

João Ribeiro dizia da língua que se falava no Brasil: «É essencialmente portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada e livre nos seus próprios movimentos.»

O sentimento de liberdade é, no Brasil, alimento mais intenso e generalizado que no resto do Continente Sul-Americano; brasilidade é movimento criador da verdadeira civilização brasileira.

Pode dizer-se que o Brasil é aglomerado de países grandes, belos, progressivos e fecundos, cuja potencialidade de vida, ainda não há muito, o velho Mundo desconhecia.

São 21 os seus estados, ocupando 8 500 000 quilómetros quadrados de extensão.

O Brasil é fonte inexaurível de mocidade e de energia criadora.

Não cremos que seja possível a um português percorrer o Brasil sem sentir enternecido orgulho e íntima satisfação, regressando à Pátria sem uma saudade que não fenece. Só vendo-o, sentindo-o, se pode compreender a razão do extraordinário milagre que é o Brasil.

Ele é hino constante daquela mocidade que cria devotamente, com fé e com segurança, debruçando-se ansiosamente sobre o futuro da sua grande nação que construiu e engrandece pelo seu próprio esforço.

Assim o vimos quando nos foi dado conhecê-lo em 1960.

Visita-se o Brasil e fica-se-lhe preso como se amorosos braços de sedução nos enleassem.

Plínio Salgado diz na sua «Geografia Sentimental» e com fundada razão: «A terra brasileira se agarra ao homem com a volúpia agressiva de um amor de mulher.»

Ficámos surpreendidos pela beleza e grandiosidade das cidades por que passámos e surpreendeu-nos o surto de progresso que constatámos. Brasília deixou-nos perplexo! O arrojo da concepção architectónica e urbanística, a celeridade com que foi executada, a decisão inabalável de quem lançou a nova Capital, produziram sobre nós uma sensação de eficiência, visão suprema para a resolução dos grandes problemas do País, que só em Homens raros é possível encontrar. Verdadeira marcha para Oeste e que em País de milhares de quilómetros de extensão em profundidade para o interior se impunha, a nosso ver, como medida salutar e essencial para desbravar e reconhecer riquezas latentes; a criação e fundação de Brasília é, a nossos olhos, acto genial que, só por si, sublima um Chefe político. Ao Presidente Juscelino, fica o Brasil devendo esta obra portentosa, que representa verdadeira viragem na história da grande nação.

Aqui fica a minha modesta homenagem ao Homem que tive a honra de acompanhar na sua triunfal viagem em Portugal, no ano de 1960, em romagem de saudade, de luso-brasileirismo que, com sua exuberante simpatia e palavra fácil, galvanizou, como jamais sucedera no nosso País, as massas populares que espontaneamente se aglomeravam para o aclamar.

E nessas manifestações terá de ver-se, sem ponta de dúvida, a exteriorização do amor fraternal e da ternura que o povo de Portugal devota ao seu irmão Brasileiro.



No primeiro quartel do nosso Século iniciou-se em Lisboa, e repercutiu-se fortemente no Brasil, através da imprensa e de conferências e entrevistas de intelectuais e pensadores, uma interessante corrente para uma comunidade ou confederação Luso-Brasileira. Dizia-se, após a primeira grande guerra, que a tendência era para grandes agrupamentos de povos, estados e nacionalidades, tendo como base o território, a raça ou interesses de ordem económica.

Convém abrir aqui um parêntese para salientar que, tanto a maravilhosa travessia aérea Lisboa-Rio de Janeiro dos inesquecíveis Sacadura Cabral e Gago Coutinho, marco imorredoiro e sensacional cometimento, assaz semelhante ao das grandes navegações dos Portugueses de Quinhentos, que nunca é demais realçar, como a visita do Presidente António José de Almeida, contribuíram poderosamente para o ambiente de aproximação e euforia que se viveu nesse primeiro quartel do nosso Século, entre brasileiros e portugueses.

Várias premissas se expuseram para apoiar esse generoso movimento que, como todas as grandes coisas, não proliferou.

Sabe-se que, se em 1821 as Cortes portuguesas tivessem tido orientação e procedimento mais reflectido, relativamente às propostas brasileiras—os deputados pelo Brasil estavam já cónscios do seu valor e dos seus direitos—e à doutrina que deveria estabelecer o «modus vivendi» e dependência conjunta entre a Metrópole e as Colónias, quando devidamente evoluídas e amadurecidas, Portugal ainda poderia (quem sabe?) estar ligado ao glorioso Brasil, e a grande nação Lusíada teria passado de sonho a realidade verdadeira, moral e materialmente.

Como a vida não é, infelizmente, campo de quimeras, tudo se desvaneceu qual fumo de bom cigarro que, ao queimar-se, nada mais deixa do que um ténue perfume que se aprecia mas se evolva.

De todas as nações da América do Sul o Brasil é a que mais precisa de um forte desenvolvimento marítimo e correspondente influência Atlântica como base para a sua expansão comercial e económica com completa garantia de liberdade de movimentos no tráfego oceânico.

Nós não podemos oferecer à grande nação Irmã mercados ricos ou vastos para as suas matérias-primas, produtos agrícolas e outros que constituem a sua exportação, até porque, considerando o todo nacional, a nossa economia tem muito de paralelo com a brasileira, particularmente nas produções ultramarinas. Não podemos financiar empreendimentos para o aproveitamento e desenvolvimento das suas riquezas, não só pela limitação dos nossos recursos financeiros como também pelas exigências de execução dos nossos próprios planos de fomento que constituem os caboucos do grande edifício que terá de ser a economia nacional futura, única forma de sobreviver economicamente, dada a evolução da Europa livre e a tendência para os grandes espaços económicos, que se acentuou e concretizou, após a segunda grande guerra mundial, tudo isto agravado pelos pesadíssimos encargos militares que as perturbações fomentadas por estranhos nos trouxeram já, e pretendem continuar a trazer, nas províncias de além-mar. Temos, assim, de encontrar outro campo de colaboração e de valorização da Comunidade que tanto desejávamos constituísse concreta realidade.

E como não é prático, nem eficiente, fundar uma verdadeira comunidade exclusivamente baseada em aspectos limitados como os culturais e os de espírito, haverá que buscar soluções práticas, satisfatórias e aliciantes, para os dois lados.

Sem pretender dar novidades, pensa-se que certas verdades, quais axiomas, não perdem por serem repetidas.

Por isso referiremos de novo, o que temos escrito vezes sem conta, sobre as posições geoestratégicas portuguesas, estruturalmente marcantes no Atlântico Norte, Central e Sul.

É talvez oportuno mencionar que em cada momento navegam ou estão nos portos no Atlântico Norte e Sul mais de 6200 navios oceânicos e que, se neste número incluímos os do Mediterrâneo, o volume de navegação total, nestes mares ocidentais, sobe para cerca de 8000!

As referidas posições e aquelas de que o Brasil dispõe com as suas 4000 milhas de litoral, com portos magníficos, bases navais e aéreas, sem excluir a Ilha de Fernando Noronha, sentinela avançada de 200 milhas para Leste, permitiriam um contróle quase completo do Atlântico Sul que poderia vir a ser um mar Luso-Brasileiro.

Mas a cadeia de posições continentais e insulares nacionais que com o Brasil e África portuguesa se estende em latitude e longitude pelo Atlântico salta à vista de quem olha para um mapa que abranja todo este Oceano e os Continentes que banha, e não precisa de ser encarecida; de um lado — o Ocidental — o Brasil imenso, a maior realidade geoestratégica do Atlântico Sul, com a Ilha de Fernando Noronha à ilharga, reduzindo a distância ao Arquipélago de Cabo Verde a umas escassas 1200 milhas; do outro lado Angola, S. Tomé e Guiné. De ambos os lados as linhas de navegação convergem ou passam nas proximidades daquele Arquipélago e seguindo para o norte, encontram a Madeira, os Açores e a Costa Continental, cujas posições flanqueiam dominantemente as aproximações do Mediterrâneo e as linhas do Norte da Europa e da América do Norte e Central.

Brasil e Portugal teriam assim à sua disposição, no Atlântico Sul, Central e Norte, posições inigualáveis para a sua segurança, portos comerciais, bases navais e aeronavais que não têm rival.

Tanto em paz, para o exercício do comércio marítimo ou aéreo, como em guerra, nesta hipótese devidamente apetrechadas as bases e engrandecidas as suas Forças Armadas, das quais nos permitimos destacar, pelo próprio raciocínio que vimos expendendo, as suas Marinhas de Guerra, não disporiam os dois países, se devida e sinceramente ligados, pelos seus próprios interesses, pela tradição, pela língua comum e pelo sangue, de um trunfo incomparável, na Política e Alta Estratégia, deste Mundo desvairado em que temos de viver?

Não seria este aspecto, por si só, razão forte para uma aproximação, cada vez mais íntima, compreensiva e dominante entre os dois Países?

Sabemos que as bases vão perdendo parte do valor de que outrora dispunham com a evolução da técnica, que permite conceber navios e aviões cada vez com mais revolucionárias características, e particularmente, perante a apregoada guerra nuclear, em que aliás não acreditamos, pois o seu deflagrar corresponderia a verdadeiro Apocalipse. Mas, sejam quais forem as surpresas que o futuro nos reserve, sem bases jamais será possível fazer e sustentar uma guerra. E por que não falar de guerra se nela infelizmente vivemos — quente ou fria — desde o começo do Século, se, como dizia Nonaka já em 1917: «enquanto a natureza humana for o que é e os códigos de honra diferirem de nação para nação, a paz é impossível e o mais forte é o que há-de dar a lei ao mais fraco. A potência que não puder conquistar será inevitavelmente conquistada.»

E, de uma carta escrita em 1823 pelo Encarregado de Negócios de Portugal em S. Petesburgo, sobre a posição da Inglaterra relativamente à reconstrução da

Monarquia Portuguesa, reproduzimos: «As potências dominadas pela ambição comercial não têm princípios; a sede de ouro afoga-lhes os sentimentos de justiça e lealdade; a «fides púnica» fez-se proverbial.»

Como a matéria tem cabimento, hoje e sempre!

As próprias lutas que se aceitou cobardemente chamar ideológicas, que outra coisa significam mais que domínio, expansão, riqueza e expoliação, a coberto de capas mais ou menos escuras e viscosas?



Afigura-se-nos que chegamos ao fim desta análise — o Exame da Situação, como se diria em linguagem militar — e que poderemos, segundo a mesma linguagem, definir a Missão e, seguidamente, a Execução, lembrando quanto a esta última o que se processou nos últimos anos, no campo do intercâmbio militar, se bem que a traços gerais, pois não interessa, nem se coaduna com este trabalho, entrar em pormenores que não contam para o caso.

Antes, porém, ocorre-nos, e não parece deslocado, inserir aqui e nesta altura, o que há vários anos tive oportunidade de referir em conferência no Club Militar Naval, a respeito de Política Naval, tendo presente que os absolutos só idealmente existem e que tudo na vida são verdades de relação.

«A projecção das nações no mundo tem sido sempre consequência do seu poderio militar e naval: Grécia, Roma, Portugal, Espanha, França, Grã-Bretanha e presentemente os Estados Unidos da América do Norte e U.R.S.S. atestam a afirmação.

É que, além do mais, as Forças Armadas constituem em larga medida espelho das próprias nações, guardando sempre o capital inestimável dos maiores heroísmos, dos grandes sacrifícios, dos verdadeiros sentimentos da honra e do dever, identificando-se assim com a civilização que lhes serviu de berço e têm de defender.»

Por conveniência de raciocínio e falseando as normas militares, deixaremos a Missão para o fim, ocupando-nos agora do que se fez nesse campo ubérrimo do intercâmbio militar.

Quanto ao Exército:

— Merece particular menção a visita do Chefe do Estado-Maior do Exército Brasileiro a Portugal, o ilustre General Floriano de Lima Brayner, em 1960. Figura destacada do Exército, Chefe eminente de cultura excepcional, assinalou e representou, com a maior distinção, o alto valor dessa poderosa Instituição Militar que é o Exército Irmão.

— Os dois encontros entre os alunos dos respectivos Colégios Militares em Portugal e no Brasil.

O colóquio que teve lugar em Lisboa marcou pelo nível elevado dos temas ventilados e pela certeza de que a juventude militar dos dois países encarna a glória e as mais lídimas tradições dum passado que só pode ter igual no futuro que todos desejamos.

— A concessão mútua anual da medalha de Mérito Militar ao Cadete mais classificado das respectivas Academias Militares.

— As boas e amistosas relações existentes entre os dois Exércitos.

No que respeita à Marinha registaremos a presença do Ministro da Marinha do Brasil, Almirante Matoso Maia, a quando da visita a Lisboa do Presidente Juscelino Kubitchek de Oliveira, em 1960, e as dos Ministros Portugueses, Almirante Américo Tomaz, hoje Presidente da República, e Fernando Quintanilha que segue dirigindo o Departamento da Marinha, em viagens expressamente feitas ao Brasil.

Um grande número de visitas de navios de guerra dos dois Países, o estágio de oficiais subalternos em navios das duas Marinhas que se verificou em 1961 e em que os oficiais serviram a bordo tal como os oficiais das próprias guarnições. Um dos que entre nós permaneceu fez parte da guarnição de uma fragata que estacionou em Angola, já depois de eclodir o terrorismo, tendo assim oportunidade de viver com os seus camaradas portugueses, a vida intensa da Armada naquela província mártir.

A participação de um guarda-marinha português em duas viagens de instrução, a última das quais a bordo do Navio-Escola «CUSTÓDIO MELO» em 1962.

A frequência de cursos por oficiais superiores das duas Marinhas nas Escolas de Guerra Naval Brasileira e no nosso Instituto Superior Naval de Guerra, onde ultimamente esteve um oficial superior frequentando o Curso Geral e a concessão anual da Medalha de Mérito Militar ao Cadete mais classificado das respectivas Escolas Navais.

Acrescentaria aqui a visita que tivemos o privilégio de fazer a vários estabelecimentos da Armada Brasileira em 1960, sendo Subchefe do Estado-Maior da Armada, visita que teve lugar a convite do Presidente Juscelino.

A impressão que então colhemos do espírito do Corpo, do alto nível profissional, técnico e moral da Corporação da Armada, e o seu culto da tradição elevado ao mais alto expoente, desvaneceram-nos, entusiasmaram-nos e quase nos causaram inveja, porque não o deixar aqui expresso?

Ainda neste campo do intercâmbio entre as duas Marinhas não poderia deixar de mencionar um facto que pelo seu significado demonstra até onde as relações entre as duas Instituições Navais são íntimas e confiantes; foi ele a entrega do Comando da força naval, constituída pelo Cruzador «BARROSO», contratorpedeiros brasileiros e os contratorpedeiros «VOUGA» e «DÃO», que transportou o Presidente Craveiro Lopes na sua visita oficial ao Brasil, ao então Comodoro Quintanilha de Mendonça Dias, actual Ministro da Marinha, que seguiu de Lisboa

comandando superiormente os dois contratorpedeiros portugueses, com a missão de escoltar o referido Cruzador, designado para conduzir o Presidente português do Recife ao Rio de Janeiro.

Tratou-se de um comando efectivo e não honorífico e se isso constitui uma alta deferência para o distinto oficial-general português, não deixou de representar uma honra para a Marinha de Portugal.

Quanto à Força Aérea, o tão recente ramo das Forças Armadas de Portugal, deslocou-se ao Brasil em 1962 uma missão chefiada pelo General Francisco António das Chagas, hoje Secretário de Estado da Aeronáutica, que dessa visita trouxe imperecíveis recordações.

Também as duas Forças Aéreas instituíram os prémios F.A.P. e F.A.B. destinados a galardoar, em cada ano, os alunos finalistas dos Cursos de oficiais aviadores, constituído em Portugal pela Medalha de Mérito Militar e um punhal do plano de uniformes da Força Aérea e no Brasil pelo Brevet «Honoris Causa» em ouro, de piloto da Força Aérea Brasileira e um espadim.



Poderemos assim concluir que o intercâmbio entre as Forças Armadas do Brasil e de Portugal é digno de realce e é um facto. Não atingiu, contudo, aquele grau de intensidade e aproximação que deveria processar-se através de contactos mais vastos, indo até exercícios conjuntos, particularmente no campo naval e aeronaval, que poderiam ter lugar quando dispuséssemos da Marinha a que Portugal pluricontinental e oceânico, que vive do mar e através do mar — 99 % das suas importações e exportações praticam-se por via marítima — tem direito e é aliquota essencial da sua sobrevivência como nação soberana. Pensamos, no entanto, que estará no espírito de todos que à causa, à grande causa da Comunidade Luso-Brasileira, dão algum tempo de que dispõem para meditar sobre os grandes problemas de alto interesse nacional, a certeza de que esse intercâmbio tem tido e continuará a ter um alto significado para a aproximação dos dois Povos.

Sem pretenciosismos nem elogios que, como disse, são vitupério em boca própria, não receamos afirmar que as Forças Armadas dos dois Países constituem um escol de homens sãos de corpo e de espírito, manancial de energias e de devoção à Pátria, de que têm dado sobejas provas através de tantas vicissitudes nacionais, alheados da política de campanário, para viverem e lutarem exclusivamente, até ao Supremo Sacrifício, pela grandeza das suas Pátrias imorredouras. Honra lhes seja!



De tudo o que se expôs não parece difícil, voltando à linguagem militar, extrair a Missão que como mandam os Canones — neste caso o Manual de Pla-

neamento—deve ser concisa e precisa: Lutar por uma verdadeira Comunidade Luso-Brasileira que, à parte os aspectos políticos de que menos curam os militares, tem de estruturar-se em sólida aproximação, compreensão e intimidade militares—naval, aérea e terrestre—a fim de se alcançar o «desideratum» único e final—uma aliança militar.

SUMMARY

MILITARY ASPECTS OF THE LUSO-BRAZILIAN COMMUNITY

Since Pedro Alvares Cabral first sighted the land which he named Santa Cruz, on the 23rd April 1500, the History of Brazil has never ceased to be a collection of military activities connecting forever sailors and soldiers to the glory of that Nation. Not only will they be remembered for discovering, exploring and defending the country, but for spreading civilization as well therefore when speaking of the Luso-Brazilian Community due importance must be given to interchange between the Armed Forces of the two nations.

Brazil is a collection of big, beautiful and progressive countries. It is divided into 21 States with a total area of 8.500.000 Km², where the sense of freedom is much more deeply marked than in any other country of South America. Brazil is an inexhaustible source of youth and energy. The visitor is completely captivated by the beauty and imponence of the cities. Brazilia leaves us perplexed!

The creation and foundation of Brazilia is, in our opinion, an act of genius as regards to the future development of the country and this alone is enough to distinguish the leader who conceived and rendered it possible.

Of all the South American nations Brazil is the one which most needs a strong maritime development as a basis for its economic and comercial expansion.

Portugal is not able to offer her great sister nation rich markets, nor even to finance undertakings to develop her natural wealth, because all her resources are necessary to support her own development and to meet the heavy burdens, the result of the terrorist war, prepared and nourished from the outside, in two of her overseas provinces.

There must be found another field of collaboration for the Community. And as it is neither practical nor efficient to found a real Community solely based on cultural and spiritual aspects, we will again refer, as we have already done countless times, to the unequalled importance of the portuguese geostrategical positions in the Atlantic.

The portuguese position, along with Brazil's 4000 miles of coastline, her excellent harbours, naval and air bases, would allow and almost complete control of the South Atlantic which could become a Luso-Brazilian sea.

If duly and sincerely united, with their military policy properly orientated, in peace as well as in war, would it not place the two nations in possession of remarkable important trumps in the field of International Politics and High Strategy?

Surely would not this aspect, alone, be strong enough for an increasingly closer approximation between the two countries?

Interchange between the Armed Forces of Brazil and Portugal, although important, has not, however, attained the desired degree of intensity by way of more extensive contacts, including combined exercises, particularly in the field of naval air cooperation.

We can assert without fear that the men of the Armed Forces of both nations are an elite people, sane in body and mind, a source of energy and devotion to their countries.

Therefore the Mission of the Army, Naval and Air Forces, within the Luso-Brazilian Community, should be to strive, regardless of political problems, for an ever closer understanding and sincere approximation, to attain the only and final objective—a military alliance.